

Um a menos na tela

Paulo Pestana

A semana eleitoral na televisão começou com o Almirante Fortuna dizendo que as pesquisas são falsas — mas mostram que metade do eleitorado não escolheu seu candidato — e terminou com Lula fora do ar.

Fernando Henrique, por sua vez, parece que nem é mais candidato, se esquivando com a maestria de um **boxeur**. O PT reage como pode e está tentando fazer um programa mais agressivo, enquanto Brizola alterna murros e realizações. E bate em todo mundo.

Professor Quércia saiu do ar e, ao invés de aulas de como governar, tenta agora conquistar os trabalhadores com uma proposta que nem a CUT ousou: 12% de reajuste para todos. Por pouco ele não mostra as mãos calosas.

Enéas garante que a imprensa é podre, apresentando provas “irrefragáveis”, e Carlos Gomes tenta nos convencer que Fernando Collor “organizou o estado”.

Cada um vende o peixe que tem. Até podre.

O programa de Lula tem boas idéias, mas enfrenta o maior problema desta eleição que é a falta de continuidade. A inserção dos programas dos candidatos proporcionais entre os presidenciais é mortal para quem precisa dar seguimento às idéias e — principalmente — precisa ganhar mais eleitores.

Ele começou a semana falando do atraso na liberação do crédito agrícola e pedindo ao presidente Itamar Franco que “tome as rédeas desta nação”. Também falou do preconceito que o brasileiro mostra em não votar num candidato como ele, porque foi “induzido a acreditar que não tem competência”. Ponto para ele.

Foi também maltratado por Enéas, no caso mais grosseiro da semana, ao se referir ao petista como mau exemplo. “Se ele for eleito presidente como é que um pai vai mandar o filho fazer os deveres de casa e estudar?”, perguntou.

Na sexta-feira, Lula foi retirado do ar por ter usado as imagens da conversa de contraparentes que derrubou o ministro Ricupero e animou a militância do PT. Deu azar: não pode nem explorar melhor a interferência de Ciro Gomes no acordo entre indústria e metalúrgicos. Hoje ele volta.

Fernando Henrique, se pudesse, nem falava mais. No início da semana ainda reclamava de quem queria roubar a paternidade do real. “É como colocar a raposa para tomar conta do galinheiro”, disse o candidato que deve ter aprendido isto na Sorbonne, tentando defender seu patrimônio.

O resto foi festa. Tambores repicando, música nova quase todo dia, imagens, vinhetas simpáticas, o candidato sorrindo, trabalhando, doido para dormir e só acordar dia três de outubro. Confusão não é com ele.